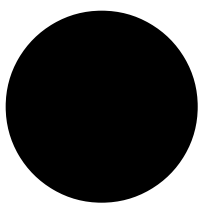


Boletim de Política Internacional #33

Relatório exclusivo de política externa, um dos benefícios criados para quem apoia o jornalismo transparente, crítico e analítico. Os temas mais relevantes do planeta analisados por especialistas e por jornalistas de CartaCapital, com profundidade e ineditismo que você não encontra no noticiário. Sugestões de temas, críticas e outros comentários podem ser enviados para o editor Gabriel Bonis gabriel.bonis@cartacapital.com.br (<mailto:gabriel.bonis@cartacapital.com.br>).



04/05/2018

Especial Coreia do Norte

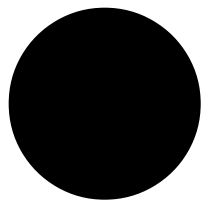
Em 27 de abril, o mundo assistiu a Kim Jong-un pisar na Coreia do Sul. Foi a primeira visita de um líder norte-coreano em 65 anos.

Na zona desmilitarizada entre os países, Kim demonstrou ao presidente sul-coreano, Moon Jae-in, interesse em abandonar suas ambições nucleares e em buscar um acordo de paz para encerrar de fato a guerra entre as duas Coreias. Dias antes, o norte-coreano havia dado mais sinais de estar aberto ao debate ao anunciar a suspensão de testes nucleares e de mísseis antes da reunião de cúpula com Donald Trump.

Kim Jong-un prometeu ainda, para maio, fechar a área utilizada para testes nucleares do país, com a presença de observadores internacionais. O local, contudo, não teria mais condições de uso após o último teste norte-coreano.

A recente diplomacia de Kim Jong-un despertou a cautela de especialistas, ainda desconfiados sobre a verdadeira disposição do ditador em negociar a paz e em desnuclearizar a Península Coreana.

CartaCapital convidou diversos especialistas para comentar os rápidos acontecimentos. Nos artigos abaixo, eles destacam a importância de Moon Jae-in na mudança de comportamento de Kim Jong-un, analisam o papel de Trump em trazer o norte-coreano para a mesa de negociações e pedem calma quanto às esperanças de reunificação das Coreias.



Agradeça a Seul

O presidente sul-coreano, Moon Jae-in, criou as condições para os recentes e surpreendentes avanços diplomáticos com Kim Jong-un

Por Ramon Pacheco Pardo*

FOTO: KCNA VIA KNS/AFP/STR



Kim Jong-un (à esq.) e Moon Jae-in iniciaram um ambicioso plano diplomático

A esperança chegou à península coreana. A cúpula de 27 de abril resultou na Declaração Panmunjom, cujo texto inclui um compromisso de ambas as Coreias para chegar a um acordo de paz que substitua o armistício que cessou as hostilidades na Guerra da Coreia em 1953. A declaração contém ainda a promessa de eliminar as armas nucleares. Em outras palavras, a Coreia do Norte desistiria de suas armas nucleares. Ambas as promessas seriam conquistas verdadeiramente históricas. Por esses avanços, a comunidade internacional tem a agradecer ao presidente sul-coreano, Moon Jae-in.

Para explicar por que Pyongyang demonstrou disposição em chegar a um acordo de paz com Seul, precisamos entender suas implicações. Uma paz formal na península permitiria às duas Coreias uma melhora em suas relações bilaterais em todos os níveis. Muito importante do ponto de vista norte-coreano, o fim da hostilidade intercoreana significaria investimentos substanciais e influxos de assistência

vindos da Coreia do Sul.

De fato, a Federação de Negócios Coreanos, que inclui empresas como Samsung, Hyundai e LG, pediu investimentos na infraestrutura da Coreia do Norte, conforme as tensões entre as duas Coreias diminuem.

Desde que assumiu o poder, Kim Jong-un afirmou repetidamente que o desenvolvimento econômico é tão importante quanto o programa nuclear do país. Podemos supor que ele fale sério. Moon, por sua vez, vê o desenvolvimento econômico da Coreia do Norte como a melhor forma de tornar o país mais pacífico.

A questão é se a Coreia do Norte está disposta a se desnuclearizar. A posse de armas nucleares era um sonho de décadas da família Kim. Não faria sentido para Pyongyang desistir de seu programa nuclear agora que adquiriu a capacidade de atacar os Estados Unidos. Kim, é claro, preferiria que o presidente dos EUA, Donald Trump, concordasse com um congelamento de seu arsenal. E quem não preferiria em sua posição? Mas sabe que sua popularidade interna está ligada à melhora das condições econômicas dos cidadãos. Os norte-coreanos vivem em uma economia de mercado de fato desde a “grande fome” que afligiu o país nos anos 1990. Um número crescente da população está ciente de que as condições de vida são muito melhores na Coreia do Sul. Armas nucleares não alimentam os norte-coreanos comuns, o desenvolvimento econômico, sim. Caso seja preciso fazer uma escolha, Kim optaria pela segunda.

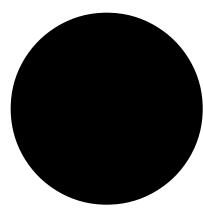
Em qualquer caso, a potencial desnuclearização da Coreia do Norte pode não ser tão relevante devido a um simples fato: Pyongyang mostrou que pode construir um programa nuclear sofisticado, mesmo enfrentando um rigoroso regime de sanções. Isso significa que o país poderia desmantelar seu programa nuclear, mas depois recomencá-lo caso Kim sinta que outros integrantes do acordo não cumpram sua parte. Essa é uma poderosa barganha que Pyongyang não hesitaria em usar.

Não devemos, portanto, exagerar o efeito das sanções dos EUA em trazer a Coreia do Norte para a mesa de negociações. Também não devemos fazer o mesmo com o fato de que a China limitou o comércio e as exportações de petróleo para a Coreia do Norte nos últimos meses. As sanções não impediram Pyongyang de desenvolver seu programa nuclear. Enquanto isso, a economia norte-coreana continua a funcionar, não há relatos de escassez generalizada e os preços ficaram estáveis após um pico no fim de 2017.

Muito mais importante para entender o movimento de Pyongyang em direção à diplomacia é a eleição de Moon em abril de 2017, e seus pedidos regulares para o envolvimento intercoreano desde então. Isso criou as condições para Kim aceitar sua oferta de participação nos Jogos de Inverno de PyeongChang, em fevereiro último, primeiro passo no surpreendente processo diplomático que testemunhamos nas últimas semanas.

O governo de Moon também realizou uma diplomacia de vaivém entre Washington e Pyongyang, atuando como um facilitador da cúpula proposta entre Trump e Kim. Seul agora pressiona por negociações de três ou quatro vias a envolver os EUA e a China para assinar um tratado de paz que encerraria formalmente a Guerra da Coreia.

Em última análise, Moon simplesmente cumpre sua promessa eleitoral de buscar a diplomacia para resolver o enigma norte-coreano. Moon chegou com a ideia de colocar Seul no centro dos assuntos intercoreanos, com Pyongyang desempenhando um papel importante. É o que acontece agora, para a grande alegria dos sul-coreanos, que sentem que cabe às Coreias - e não a Washington ou Pequim - decidir o seu próprio destino.



As aspirações coreanas pela paz finalmente se concretizarão?

A cúpula entre os dois países pode marcar uma abertura para a paz, mas faltam mecanismos objetivos para atingi-la

Por Scott Snyder*

FOTOS: SAUL LOEB/AFP E KOREA SUMMIT PRESS POOL/AFP



Trump, Kim e Moon terão muito trabalho para garantir uma paz real

A dramática cúpula intercoreana entre Moon Jae-in e Kim Jong-un foi saudada como uma abertura histórica à paz e à reconciliação. Ela contém, no entanto, apenas uma ampla promessa de atingir a “completa desnuclearização” como um objetivo futuro na região.

A declaração é amplamente aspiracional, reciclando muitas das afirmações de acordos intercoreanos anteriores ao passo que tenta identificar e institucionalizar passos concretos nas relações entre as duas nações, na construção da paz e na redução da tensão. Em suma, a cúpula foi um evento diplomático dramático que tenta fornecer uma estrutura para o início de um processo. Essa estrutura permanece, contudo, incompleta, aguardando novas discussões sobre desnuclearização entre Donald Trump e Kim Jong-un.

A boa notícia é que Kim parece perceber que a redução da tensão intercoreana trará benefícios para a Coreia do Norte. Foi dele a decisão de permitir uma atenuação, baseado na afirmação de que Pyongyang atingiu capacidades nucleares e de mísseis suficientes no fim do ano passado.

A decisão pode ter sido motivada pelo entendimento de que a aplicação total de sanções internacionais em 2018 teria implicações desastrosas para a economia norte-coreana. Mas Kim foi sábio o bastante para anunciar uma mudança em direção ao diálogo e longe da provocação, em um momento que lhe permite entrar na diplomacia internacional em uma posição de força com base em suas proezas nucleares.

Sua ofensiva diplomática terá o benefício de atenuar a campanha de pressão máxima liderada pelos EUA, normalizando a imagem da Coreia do Norte e reduzindo a vontade política de alguns países em implementar sanções no grau que poderia ter ocorrido. Kim conseguiu com sucesso uma reafirmação das promessas sul-coreanas em apoiar o desenvolvimento econômico do norte até a resolução da questão nuclear, incluindo preparações ativas para o restabelecimento das ligações entre infraestruturas ferroviárias coreanas.

Um encontro com Trump vai minar ainda mais essa pressão máxima, ao ponto de a reunião em si relaxar as tensões e resultar em mensagens contraditórias ao impulso em direção à pressão econômica sobre Pyongyang. Por fim, as aspirações intercoreanas para coexistência pacífica servem para diminuir a possibilidade de os EUA realizarem ataques militares em um esforço para desnuclearizar à força a Coreia do Norte.

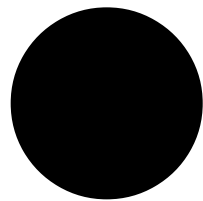
Em combinação com esses objetivos, Kim deu alguns passos positivos e bem-vindos que se desviam do registro histórico de malabarismos políticos e de falta de comprometimento da Coreia do Norte. Ele afirmou que a desnuclearização era o objetivo de seu pai e de seu avô. Mais importante: em abril, declarou nas reuniões do partido uma mudança da política estatal de desenvolvimento nuclear e econômico simultâneo para o foco único no desenvolvimento econômico.

As promessas de autocontrole de Kim em testes nucleares e de mísseis são importantes, ainda que reversíveis. E sua declaração aos líderes chineses de que gostaria de retornar a medidas "progressivas e sincronizadas" para a realização da paz poderia sinalizar um retorno às conversas para desnuclearização nas mesmas condições existentes há uma década, quando a implementação das negociações de seis partes foi realizada sob o princípio de "ação por ação".

Ainda é prematuro para afirmar se estamos em um caminho viável para a desnuclearização, apesar de um sólido desejo intercoreano de alcançar a paz e uma aparente disposição norte-coreana de retornar às negociações diplomáticas sobre o tema. Isso porque a Declaração de Panmunjom, por si, oferece apenas uma estrutura incompleta para lidar com a desnuclearização, sem uma declaração de acompanhamento entre a Coreia do Norte e os EUA que defina um caminho para a desnuclearização e o vincule a passos em direção à paz e à normalização com Washington.

É neste ponto que a reunião prospectiva entre Trump e Kim Jong-un será crítica, pois um evento entre esses dois líderes anunciando a substituição do Armistício entre as Coreias por acordos de paz permanentes exigirá um processo de acompanhamento. Isso inclui medidas concretas para reduzir as forças militares e o pessoal mobilizado na zona desmilitarizada coreana, bem como medidas de verificação transparentes e abrangentes para implementar os compromissos de desnuclearização da Coreia do Norte.

Mesmo se Trump, Kim e Moon sinalizarem conjuntamente a vontade de estabelecer a paz, ainda haverá muito trabalho a ser feito para garantir que esse momento marque uma virada para um futuro melhor, e não um engodo que leve a uma falsa paz e a uma desnuclearização incompleta.



O objetivo na Coreia deve ser paz e comércio – não unificação

Por enquanto, a Península pode ter mais benefícios ao adiar o sonho de uma única Coreia

Por Alexis Dudden, Joan E. Cho e Mary Alice Haddad*

FOTO: KCNA VIA KNS/AFP/STR



Uma relação pacífica entre duas Coreias com livre comércio e sem ameaças militares?

Na última semana, o mundo testemunhou um primeiro passo tangível em direção a uma Península Coreana próspera e pacífica. Em 27 de abril, Kim Jong-un tornou-se o primeiro líder norte-coreano a pisar na Coreia do Sul, onde foi recebido pelo presidente sul-coreano, Moon Jae-in. Alguns dias depois, Seul relatou que Kim poderia abandonar seu arsenal nuclear sob certas condições.

Enquanto alguns viram a cúpula com ceticismo, outros começaram a falar em uma Coreia unificada – uma reação razoável, considerando que os líderes assinaram um documento chamado Declaração

Panmunjom para a Paz, Prosperidade e Unificação da Península Coreana.

As intenções desses dois líderes são fundamentais. No final, os quase 80 milhões de coreanos serão os únicos a determinar como irão compartilhar sua península – não Donald Trump, Xi Jinping ou Vladimir Putin.

Por enquanto, sugerimos que o foco seja a criação de novos laços com a Coreia do Norte. A questão de como as Coreias se unificarão pode ser deixada para o futuro.

Para entender o porquê, é útil lembrar como a Coreia foi dividida em dois países.

Criando duas Coreias

Em agosto de 1945, os EUA traçaram uma linha em um mapa no paralelo 38 e dividiram a península coreana, na época colonizada pelo Japão. Essa divisão fazia parte da visão dos Aliados de que uma derrota japonesa era iminente naquela altura da Segunda Guerra Mundial. Muitos previam que o Japão seria dividido como a Alemanha, já que era o Japão, não a Coreia ocupada, o combatente inimigo. No entanto, os soviéticos concordaram com a ideia americana.

Sob a opressão japonesa, campos ideológicos haviam se enraizado entre os coreanos, e esses lados se desafiaram nos meses seguintes. Eventualmente, os comunistas ganharam a liderança no norte e seus adversários no sul. Cinco anos depois, a Guerra da Coreia estourou para reivindicar a vida de 1 em cada 8 coreanos.

O armistício de 1953 encerrou o conflito e seguiu mais ou menos a linha norte-americana de 1945. No acordo, os coreanos acabaram recebendo novas identidades atribuídas a eles: norte-coreanos e sul-coreanos. O significado desses termos transformou-se em novas realidades em ambos os lados desde então.

A visão da Coreia do Sul

Na Coreia do Sul, é comum se referir à Guerra da Coreia como yugio – literalmente 6,25 –, referindo-se a 25 de junho de 1950, quando o avô do atual líder norte-coreano ordenou que suas tropas cruzassem a fronteira e atacassem o Sul. Essa narrativa, sancionada pelo Estado, enquadra o Norte como o agressor, e os EUA e o Ocidente como salvadores do Sul. Não sem importância, os norte-coreanos chamam a mesma história de “A Guerra da Liberação da Pátria”.

Embora o relatório Asan de 2015 indique que mais de 80% dos sul-coreanos respondem que a Coreia deveria ser reunificada, menos de 20% apoiam a reunificação imediata. O senso de vínculo étnico deles está diminuindo e a reunificação é vista principalmente como um fardo econômico. Além disso, dados de opinião pública mostram que os jovens sul-coreanos estão aumentando seu distanciamento da Coreia do Norte.

Um caminho mais simples

Se a reunificação é atualmente difícil de se vender, qual é o caminho a seguir?

A Coreia do Sul poderia, ao invés disso, buscar uma coexistência pacífica entre duas Coreias com livre comércio, livre fluxo de pessoas e sem ameaças militares. Talvez o apoio público à reunificação possa ressurgir à medida que os laços se fortaleçam com o aumento do intercâmbio no nível civil e com uma maior independência econômica no Norte, reduzindo assim os “custos da reunificação”.

Uma das principais razões pelas quais ainda não houve uma solução para o “problema da Coreia do Norte” são os sonhos divergentes de reunificação. Para os EUA e a Coreia do Sul, uma Coreia

reunificada seria uma democracia liberal capitalista. Para a Coreia do Norte, a China e a Rússia, uma Coreia reunificada não seria uma aliada próxima dos EUA e, certamente, não teria tropas americanas.

Se pudermos seguir a opinião pública na Coreia do Sul e abandonar temporariamente o sonho de uma única Coreia, é possível ver que todos se beneficiariam de uma Coreia do Norte pacífica, próspera e não nuclear. O sucesso econômico da China demonstrou que um país pode aproveitar o mercado sem se tornar uma democracia capitalista. Pequim pode orientar a Coreia do Norte sobre como se desenvolver usando o mesmo modelo.

Se os países vizinhos abrirem seus mercados ao comércio e oferecerem investimentos estrangeiros diretos específicos, a Coreia do Norte pode experimentar o tipo de milagre econômico que o Japão, a Coreia do Sul e a China já desfrutaram.

Se os EUA e seus aliados puderem oferecer garantias de segurança à Coreia do Norte, o país não precisará manter suas armas nucleares. Caso Pyongyang reconheça que é de interesse mútuo que o país não apenas continue a existir, mas se torne mais próspero, talvez Kim Jung-un cumpra sua promessa de abandonar ambições nucleares.

Uma vez que a Coreia do Norte seja economicamente mais independente, talvez a reunificação possa ser conduzida como uma alegre reunião entre iguais. Esse dia é um futuro distante, contudo. No presente, negociadores poderosos devem encontrar um caminho para a paz e a prosperidade da Coreia do Norte. Caso consigam, terão deixado um grande legado para o mundo.

**Alexis Dudden é professora da Universidade de Connecticut (EUA). Joan E. Cho é professora assistente de Estudos do Leste Asiático e Governo da Wesleyan University (EUA). Mary Alice Haddad é professora da Wesleyan University. Este artigo é uma versão modificada de um texto publicado em The Conversation (<http://theconversation.com/us>) e aparece aqui com aprovação de seus autores*

Obrigado por apoiar o jornalismo de que o Brasil precisa.

Fale conosco (<http://www.assinaja.com/atendimento/editoraconfianca/faleconosco/index.asp?>

Prod=CAL&_ga=1.77998678.350858325.1457450605)

Atendimento São Paulo: (11) 3512 9486 Rio de Janeiro: (21) 4062 7183 Belo Horizonte: (31) 4062 7183 De segunda a sexta-feira, das 9h às 18h, exceto feriados

Contrato (contrato.html) **Termos de uso** (termo.html)



DC



(https://www.instagram.com/cartacapital?com/cartacapital)

(https://twitter.com/cartacapital?lang=pt-CE

(https://www.youtube.com/channel/UC...)